

DEGRADAÇÃO ECOLÓGICA

(08/06/1992)

Crescimento populacional maior que crescimento econômico gera miséria, desemprego, fome.

No dia 28 de fevereiro de 1989, eu abordava em o **CORREIO BRAZILIENSE** o problema da Explosão Demográfica. E terminava assim: “Volto a afirmar: se não investirmos agressiva, corajosa e rapidamente num programa de rígido controle de natalidade para reduzi-la, nos próximos cinco anos, a um por cento (ou menos), iremos assistir em futuro próximo a uma explosão de guerrilhas urbanas, à invasão de supermercados e residências, a cenas dantescas nas vias públicas, tudo praticado por uma horda ignorante, faminta, desorientada, violenta”.

Três anos e meio foram suficientes para que se confirmassem minhas antevisões: saques, greves, assaltos, seqüestros, atentados ao patrimônio público etc., etc., etc.

A superpopulação do mundo tem sido analisada por numerosos sociólogos, políticos e homens de governo, embora, no Brasil, a sociedade, a igreja, os governantes façam ouvidos moucos.

No momento em que recebemos os mais destacados chefes de Estado para tratar dos problemas do meio ambiente, posso afirmar, sem receio de errar, que a devastação das florestas, que a poluição de rios e mares, que o efeito estufa do dióxido de carbono na atmosfera, surge, em primeiríssimo lugar, a proliferação desordenada da espécie humana, principalmente – o que é mais grave – entre as famílias de baixa renda e as nações mais pobres: é a proliferação da pobreza.

O periódico **Times** (2/1/89), sob o título “bocas demasiadas”, adverte: “Multidões estão ficando sem teto e sem comida” por causa da proliferação desenfreada. E continua: “Nos países em desenvolvimento, a taxa de crescimento demográfico está ultrapassando a capacidade das nações de prover as necessidades básicas: alimentação e habitação”.

O príncipe Charles, em recente pronunciamento, coloca o controle da natalidade na agenda da Rio-92 e afirma: “A questão do crescimento populacional é o principal problema do planeta”. Em resumo, declara textualmente o príncipe: “Nenhum país do Terceiro Mundo pode ter esperanças de prosperidade enquanto o crescimento de sua população ultrapassar seu próprio desenvolvimento econômico”.

O presidente do Banco Mundial Barber Conable, recomenda aos países em desenvolvimento o “controle da natalidade” e Yann de L’Ecotais, no seu artigo “Morte de um Continente”, conclui: “O

crescimento desenfreado da população humana torna inviável sua própria existência”.

Helmut Schmidt aponta a superpopulação do mundo como a pior desgraça ecológica, opinião corroborada por Robert McNamara.

A socióloga Janice Pearlman observa que “já ficaram evidentes os fracassos das políticas tradicionais para lidar com grandes problemas como a economia informal, as favelas, os assentamentos e as migrações decorrentes do descontrolado crescimento populacional”.

Um relatório do Banco Mundial pondera: “miséria urbana, decorrente de migrações sucessivas e do descontrolado crescimento populacional, será o problema econômico e político mais explosivo do próximo século”. E continua: “Se a população cresce mais do que a economia, cada novo ser humano é, potencialmente, um miserável”.

Drem Torchia, correspondente de A Folha de S. Paulo em Taipe, escreve: “Superpopulação põe cidades à beira do caos”.

O Jornal do Brasil (21/04/92) exhibe a seguinte manchete: “Explosão demográfica ameaça degradar o meio ambiente” e publica artigo de Marina Wodtke de que destacamos: “A explosão demográfica terá conseqüências catastróficas, com a irreversível degradação do meio ambiente. Esta constatação envolve muitos países, entre os quais o Brasil, a Índia e a China, onde a pobreza e crescimento populacional está causando total devastação do meio ambiente”.

Em 12/4/92, o Jornal do Brasil estampa: “EUA exigem esterilização de pobres”. E detalha: “Todos os países em desenvolvimento – inclusive o Brasil – deverão adotar políticas de controle de natalidade, chegando até a esterilização em massa para que seja contida a degradação da vida no planeta”.

Felipe de Abreu, em carta ao Jornal do Brasil, assim se expressa: “O povo que trabalha e paga impostos cada vez mais escorchantes está farto de ver a miséria se multiplicar”.

O Globo, de 17/07/90, publica: “Concebida para ser uma cidade modelar, Brasília está copiando o pior modelo imaginável de crescimento: a proliferação de favelas”.

Em resumo: o aumento desordenado da população no Brasil colocamos em 59º lugar em desenvolvimento (ver “Human Development Report”, 1992, publicação do UNDP), enquanto o Canadá, com a mesma extensão territorial e um quinto da nossa população, figura entre os primeiros lugares. Essa proliferação da pobreza leva ao abandono dos menores nas ruas, ao aumento da criminalidade, à maior demanda de alimentos, escolas e serviços de saúde, à desvalorização da mão-de-obra, ao êxodo rural, ao esgotamento dos recursos naturais, ao aumento do consumo hídrico e poluição dos mananciais, às invasões de propriedades, aos saques, à expansão das favelas.

Para finalizar, pergunto: que providências tomam a sociedade, a Igreja, o Governo para sustar essa produção ciclópica de miseráveis?

Para não me ater apenas ao discurso, proponho:

- a) mediante milhares de agentes comunitários de saúde, educar a população, de casa em casa, e orientá-la sobre os diversos métodos anticoncepcionais, de modo que cada família só tenha o número de filhos que possa sustentar;
- b) liberar a ligadura de trompas nos hospitais públicos;
- c) conceder facilidades e prêmios aos homens de baixa renda que se submetam à vasectomia;
- d) permitir que a mulher decida sobre o seu próprio corpo, facilitando-lhe desfazer-se de uma gravidez indesejada;
- e) conceder o salário-família somente até o limite de dois filhos;
- f) localizar o pai das crianças e obrigá-lo a sustentá-las (ver artigo 229 da Constituição).

Ou seguimos urgentemente essas diretrizes ou iremos continuar a assistir, em proporção geométrica, à proliferação da miséria, com graves repercussões sociais.

Ernesto Silva